

IMPACTOS DO PROJETO DE ESCRITA CRIATIVA NO PROCESSO DE REESCRITA DE TEXTOS DE ESTUDANTES DO CEF 26

Fabiane Martins Silva ¹
Maria Luyza Rodrigues Rios ²
Gercimar de Fátima Souza ³
Edna Cristina Muniz da Silva ⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta a aplicação da Oficina de Escrita Criativa no CEF 26 de Ceilândia, desenvolvida por pibidianos da Universidade de Brasília com base no livro "Leitura e Produção de Textos", da professora Juliana de Freitas Dias. A oficina surgiu diante das dificuldades dos estudantes com a leitura e a escrita, buscando promover uma relação mais prazerosa com o texto escrito. A proposta visa utilizar a escrita criativa como ferramenta para aproximar os alunos do processo de produção textual, estimulando o encontro com a própria voz autoral. Para alcançar esse objetivo, especificamente buscou-se promover o desenvolvimento de aspectos como estrutura, coesão e coerência textual, por meio de atividades práticas, como a "Dinâmica da Mentira", feedbacks personalizados, autoavaliação; incentivar a reescrita dos textos elaborados e, ainda, incentivar a utilização do diário de bordo como estratégia individualizada e potenciadora do processo de autoria. As rodas de leitura, parte fundamental da oficina, fortaleceram a autoconfiança dos participantes, permitindo que compartilhassem seus textos e aprendessem com os colegas. Com isso, além de desenvolver habilidades técnicas, buscou-se eliminar o medo da escrita e ampliar a compreensão dos diferentes gêneros textuais. Os resultados mostram avanços significativos: os alunos demonstraram maior fluidez, criatividade e envolvimento nas atividades. Acredita-se que os efeitos positivos da oficina extrapolam o ambiente escolar, contribuindo para a formação acadêmica, profissional e pessoal dos estudantes. Além disso, a metodologia pode ser adaptada para outros contextos e níveis de ensino, promovendo a valorização da leitura e da escrita de forma contínua.

Palavras-chave: Escrita criativa, Reescrita, Rodas de leitura, Autoria

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura/Licenciatura da Universidade de Brasília - DF, fabiiimartins120@gmail.com;

² Graduando do Curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura/Licenciatura da Universidade de Brasília - DF, rodriguesluyza3@gmail.com;

³ Mestra em Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA - AM, gercimar.souza@gmail.com ;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Linguística, Universidade de Brasília - DF, ednacr@s.unb.br .





A leitura e a escrita constituem-se como práticas centrais na formação intelectual e social, permitindo que os sujeitos participem ativamente da vida acadêmica e cidadã. Apesar disso, observa-se que, em muitas escolas, o ensino da produção textual ainda se apoia em modelos pré-definidos e em avaliações voltadas prioritariamente para a correção gramatical, o que tende a restringir a criatividade e a autoria dos estudantes. Como destacam Moura e Oliveira (2023), essa abordagem muitas vezes “traduz-se pela reprodução de modelos de textos [...] dificultando o desenvolvimento de uma escrita mais ‘criativa’”.

Nesse cenário, a escrita criativa surge como possibilidade de ampliar o repertório e a autonomia dos alunos, ao combinar a atenção a aspectos técnicos — como estrutura, coesão e coerência — com o estímulo à originalidade e à expressão pessoal. Experiências como as descritas por Moura e Oliveira (2023) mostram que atividades diversificadas, a exemplo de rodas de leitura, dinâmicas de grupo e exercícios de reescrita, podem favorecer não apenas o domínio da linguagem, mas também a autoconfiança e o engajamento dos estudantes no processo de produção textual.

Ademais, parte-se da concepção do texto escrito não tão somente como produção acadêmica que se articula apenas na transmissão de ideias. Para este trabalho, adotamos a visão do texto com o seu caráter interacional sócio-histórico, no sentido do texto como meio de interação social com o outro e também como documentação histórica. Tendo em vista, o entendimento do aluno como um ser sócio-histórico.

A prática da reescrita, nesse contexto, ocupa lugar de destaque. Menegolo e Menegolo (2005), amparados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), argumentam que ela deve ir além de simples ajustes à norma padrão, tornando-se uma oportunidade para que o estudante dialogue com o próprio texto, revise suas escolhas e assuma uma postura crítica diante do que escreve. Para os autores, inspirados em Bakhtin, cada reescrita configura-se como um “acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto”, no qual o aluno se reposiciona como autor.

Além do ganho técnico, a leitura e a escrita podem assumir um caráter transformador. Vieira (2017), apoiando-se em perspectivas freireanas e bakhtinianas, defende que o trabalho com a linguagem na escola deve fomentar a criticidade e a participação ativa, de modo que os estudantes possam compreender e intervir no mundo em que vivem.





Logo, é a partir dessa compreensão que se insere a proposta apresentada neste trabalho: a aplicação de uma Oficina de Escrita Criativa no Centro de Ensino Fundamental 26, em Ceilândia, desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília/UnB. A oficina articula escrita criativa, reescrita e práticas de leitura em uma perspectiva sociointeracionista, buscando desenvolver competências linguísticas, estimular a autoria e promover uma relação mais significativa e prazerosa com o texto escrito.

METODOLOGIA

As oficinas e atividades elaboradas foram baseadas no livro *Leitura e produção de texto*, da professora Juliana Freitas Dias. Tal obra traz como metodologia os três gestos da escrita, sendo o primeiro a **impulso**, que consiste na técnica da escrita espontânea e visa tirar o olhar crítico sobre a sua própria escrita, pois tal atitude atua ativamente como um bloqueio para a escrita, como diz Dias:

Quando escrevemos a partir de exercícios do gesto impulso, precisamos tomar uma atitude distanciada do texto; precisamos nos separar do que escrevemos; o texto passa a ser material de pesquisa de si mesmo/a e, para tal, é necessário acessar uma nova postura em relação ao texto. É preciso ter menos apego e diminuir a identificação com suas palavras escritas: você não é seu texto, seu texto não é você. (Dias, Juliana, 2023, p. 59)

As atividades, que estão descritas neste relato de experiência, foram trabalhadas com enfoque neste primeiro movimento, tendo em vista o nosso objetivo de ressignificar a perspectiva em relação à visão dos educandos sobre a escrita. O movimento seguinte ao impulso, de acordo com Dias em sua obra, é a **intuição**. No primeiro momento, temos o incentivo do início da escrita, o impulso, neste segundo momento passamos por um refinamento da escrita e aqui inserimos a reescrita e o contato com o texto produzido para se analisar a própria escrita, com foco na linguagem. A professora Juliana Dias retrata que “Nessa nova fase, é preciso exercitar técnicas de reescrita e tornar a leitura mais demorada, mais enigmática, sustentando o tempo muito mais longo que essas escolhas exigem (tanto





para criação como para leitura) - (DIAS, 2023, p. 59).” E, por fim, temos o movimento da **pulsção**. Ao chegar nesse movimento, a escrita encontra-se bastante fluída e neste momento

a nossa autoria se manifesta de maneira peculiar, alternando os tempos que selecionamos para transcrever as informações, como destacado no trecho de Dias (2023): “...quando alcançamos a pulsção, nos conectamos com a respiração do texto e estamos alinhados à nossa identidade escritora e à nossa autoria criativa”. (DIAS, 2023, p. 70). Cabe ressaltar que, por mais que a pulsção pareça ser o estágio final, esses três movimentos acontecem de maneira integrada um ao outro, tratam-se - como metaforiza Dias - de “ a alma, a pele e o corpo do texto (DIAS, 2023, p. 69)”.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender os impactos da escrita criativa e os processos de reescrita, é necessário discutirmos acerca do ensino da língua escrita nos contextos escolares e a visão da sociedade desta. É válido relembrar de que visão estamos tratando. Dentro do ambiente escolar, a escrita é abordada como algo com que se tem contato apenas dentro da academia, demarcada pela rigidez e pelas dificuldades em torno de sua aprendizagem, ao ser associada a vestibulares, textos dissertativos, argumentativos, dissertativo-argumentativo. A escrita, quando pensada nos moldes tradicionais, é temida por muitos, no sentido de ser algo distante de suas realidades.

A perspectiva discursiva do letramento compreende a escrita como prática atravessada pelo interdiscurso e pelas formações ideológicas, em que o sujeito reinscreve sentidos já circulantes na memória discursiva. Nesse sentido, “o interdiscurso é o lugar do pré-construído, do já-dito ‘antes, em outro lugar e independentemente’” (PÊCHEUX, 1988, p. 168, apud CALIL, 1994, p. 95). Tal concepção rompe com visões normativas que reduzem a produção textual a exercícios técnicos e evidencia como a escrita criativa pode favorecer a autoria, permitindo ao estudante vivenciar o “efeito-sujeito” em sua produção e desenvolver progressão textual, coerência e escolhas lexicais de forma mais autêntica.

Diante desse cenário, a Escrita Criativa surge não somente para desestigmatizar a visão acerca do que é a língua escrita, mas também como uma forma de incentivar a aproximação entre educando e texto literário à ideia de criar, além de como trazer suas percepções à superfície. Assim, retira-se o caráter restritivo e distanciado que vem acoplado



ao conceito de escrita. De acordo com Silva, “[...] é preciso dessacralizar o texto literário, tirá-lo do altar de onde esteve por muito tempo e trazê-lo ao aluno, sem facilitações, mas também sem silenciar o aluno[...]” (SILVA, 2016, p.94).

Logo, tal habilidade não deve ser ensinada ou vista de maneira rígida e autoritária. É preciso ver a escrita como um movimento fluido. Encaramos a escrita como um processo que envolve o diálogo consigo mesmo, trata-se da transcrição do pensamento, retirando-o de dentro de si e colocando-o no “mundo”. É a documentação da existência e das ideias individuais de cada um.

A partir disso, visa-se a escrita criativa, como propulsora dessa visão mais livre e espontânea, uma vez que trabalha a autoria - o encontro de si, por meio da escrita-, e proporciona a reflexão sobre o contexto sócio histórico cultural, já que, como citado anteriormente, parte-se do pressuposto de que os alunos são seres sócio-históricos constituintes de uma cultura. Como dito pelas autoras Alencar e Fleith “[...]criatividade não pode ser implementada isolando-se o indivíduo do seu contexto.”(Fleith, apud Alencar, 2012, p. 1-2.)

Portanto, acredita-se na escrita criativa como prática emancipatória, haja vista a sua importância em auxiliar o educando a desenvolver a autoria por meio de uma prática discursiva, dialógica e contextualizada. Desse modo, permite-se que o aluno traga seus ideais com espontaneidade e liberdade, assim, documentando sua própria história e sua culturalidade através da escrita.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente artigo contém os relatos de experiência de integrantes do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, como aplicadoras e mediadoras da Oficina de Escrita criativa, realizada no Centro de Ensino Fundamental 26 de Ceilândia, nas aulas de Projeto Interdisciplinar I, aulas estas que duraram, cada uma, cerca de 45 minutos, com turmas de 9º ano, compostas por 30 alunos por turma.

A coleta de dados foi feita mediante observação e condução das aulas ministradas pelas licenciandas do PIBID. Durante as aulas, foram coletados textos escritos pelos alunos.



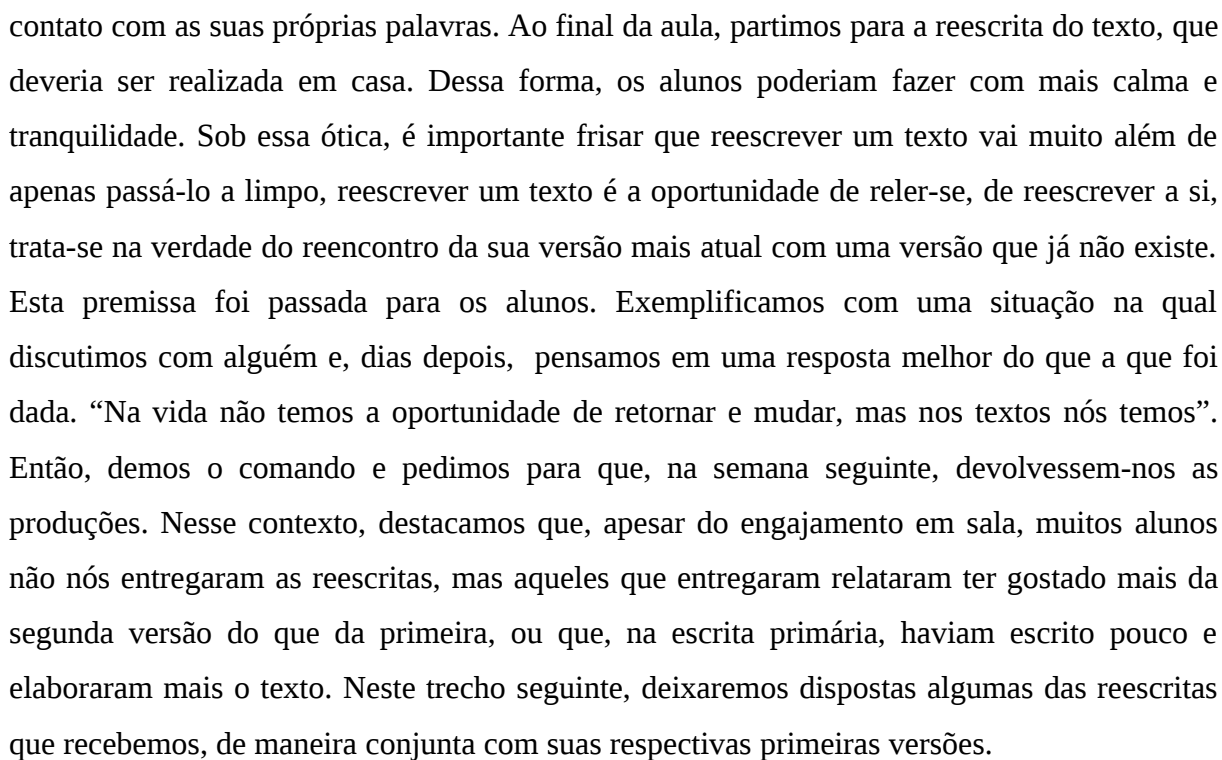
Ademais, foi solicitada a construção de um diário de bordo. Tais documentos serviram como material para esta análise.

Na primeira oficina, havia a premissa de criar uma nova visão sobre a escrita, com o objetivo de retirar as crenças negativas sobre seu processo, e, por isso, de início perguntamos aos alunos o que eles acreditavam precisar para escrever, fazendo com que eles refletissem sobre onde a escrita se inicia. Muitos responderam que precisávamos de um assunto, de um tema, da inspiração ou até mesmo da criatividade. Reforçou-se que, para escrever, precisamos apenas das palavras que são as responsáveis por trazer à luz nossas ideias. Em seguida, partimos para a reflexão sobre o que os impedia de terem uma boa relação com a escrita ou até mesmo os impedia de escrever. Nesta atividade, pedimos para que os alunos escrevessem seus bloqueios e crenças negativas sobre a escrita e foram relatadas coisas como “tenho medo do julgamento do outro sobre o meu texto”; não sei escrever; não sou criativo o suficiente.” Logo, pedimos, de maneira simbólica, que rasgassem aqueles papéis, para que fosse possível um recomeço de suas relações com o movimento da escrita.

Baseando-se no movimento do **impulso**, explicitado na sessão da metodologia deste artigo, uma das dinâmicas passadas, durante as oficinas, foi a dinâmica da mentira. O objetivo dessa atividade foi o de que eles utilizassem a sua criatividade de maneira livre, sem amarras, e se mostrou como a melhor maneira que encontramos de fazer com que eles escrevessem uma **ficção**. De início, não dissemos que seria uma ficção, foi feita uma contextualização. Pedimos a eles que se tornassem os roteiristas das próprias vidas, e que naquele momento tudo era possível. O comando da atividade era para os educandos inventassem uma mentira “cabeluda” sobre a vida deles, e, assim, dando nome e dizendo que aquilo se tratava de uma ficção. O combinado foi que eles escrevessem durante 7 minutos sem tirar a caneta do papel, dessa maneira, praticando a escrita espontânea. A fim de que os alunos se sentissem ainda mais livres para esta prática, estipulamos que neste momento não deveriam se preocupar com regras gramaticais.

Devemos dizer que esta atividade foi muito divertida de mediar. Ao longo dos sete minutos vimos os alunos escrevendo com sorrisos em seus rostos, pois estavam se divertindo com o que estavam escrevendo. Cabe ressaltar que, durante estas práticas, os alunos ficavam compenetrados, voltados somente à escrita. Ao pararmos o tempo, fomos questionadas, eles





Como parte da Oficina, também propusemos uma atividade com música. Diferentemente das atividades de escrita, essa atividade visou uma reflexão profunda dos alunos com elementos parte de sua cultura, com o objetivo de proporcionar um resgate de palavras e sentimentos. Essa atividade não consistia especificamente na escrita – embora alguns alunos tivessem escrito suas considerações –, mas, sim, em um diálogo sobre os trechos que mais se conectassem com eles.

A seleção de trechos contava com artistas como MC Hariel, Djonga, Flora Matos, FBC, Racionais MC's, entre outros. O objetivo era destacar vivências dos alunos, que estão na periferia, para dar luz a vozes semelhantes às suas e lembrar que música também é escrita.

A atividade funcionou da seguinte maneira: os trechos foram distribuídos entre os estudantes sem que eles soubessem a procedência deles. Um tempo de cinco minutos foi dado para que eles analisassem os trechos e trocassem entre si, pois era importante que cada um tivesse um trecho com o qual eles se identificassem. Depois disso, explicamos sobre a origem desses trechos e o intuito da atividade. Cada estudante iria ler seu trecho em voz alta e discorrer sobre como esse trecho se conectava com seus sentimentos. Era importante que suas palavras fossem ditas e ouvidas em sala de aula, pois o autoconhecimento também é fundamental dentro da Oficina. É preciso conhecer as palavras para se escrever.

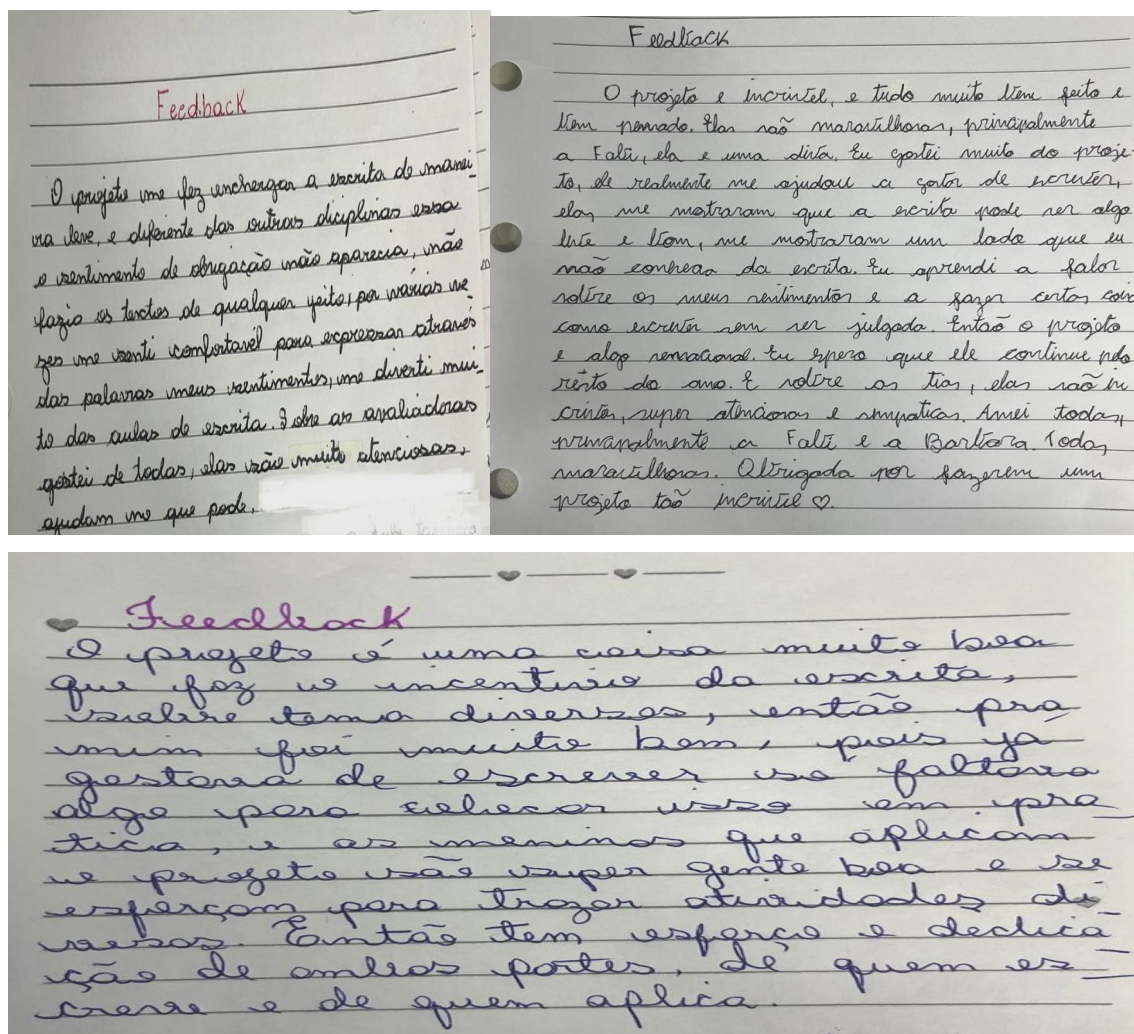
O planejamento da atividade se estendia por uma aula por turma, mas o interesse dos alunos permitiu que ela se estendesse por duas aulas com a produtividade do diálogo. Foi uma experiência enriquecedora, pois essas músicas também fazem parte da cultura das Pibidianas, o que permitiu, na elaboração da atividade e na aplicação, uma conexão maior com a docência dentro de uma realidade que também dialoga com as vivências destas. Na aplicação, houve também a seleção de trechos e um diálogo a fim de motivar os estudantes, o que transformou essa experiência como ímpar em cada aula.

Por conseguinte, é fundamental frisar que este foi apenas o início do nosso trabalho, elaborado ao longo de um bimestre. A escrita é movimento contínuo e vai sendo lapidado com a sua repetição e com sua prática. Portanto, ressaltamos que, para além dessas atividades, foram realizadas cerca de mais 10 dinâmicas. Tivemos como objetivo principal a melhoria da relação dos alunos com a escrita. Não haveria maneira melhor de finalizar este relato do que



com os feedbacks que recebemos dos aprendizes. Deste modo, comprovando que o nosso objetivo foi alcançado.

Figuras 3, 4 e 5: Feedbacks oferecidos ao término das atividades



Fonte: acervo selecionado pelas autoras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou destacar diferentes métodos de aplicação da escrita em sala de aula, apresentando a escrita criativa como método principal, a fim de guiar as turmas de 9º ano do CEF 26 da Ceilândia numa jornada de conexão e autoconhecimento com a escrita, principalmente em âmbito escolar.





A oficina trouxe a possibilidade de se fazer o que mais se rejeita quando o assunto é escrita: começar a escrever. É importante frisar um trecho presente no livro de Dias, que serviu como um dos norteadores da construção de seu livro e da Oficina:

Seria bom, suponho, começar num ponto perfeito da história, do modo perfeito, com a voz perfeita para apresentar com exatidão a cena desejada. Infelizmente você não tem escolha: não tem a menor ideia de como fazer isso. A exatidão costuma se revelar depois de um tempo e é improvável que você saiba de antemão o que funciona e o que não funciona numa história que ainda não foi escrita. Em vez de esperar que tudo esteja perfeito, comece de qualquer jeito, em qualquer ponto, mas comece. (Dias *apud* Koch, 2018, 2023, p. 14)

Nessa Oficina, os alunos tiveram a possibilidade de começar, um grande passo para escrever. A atividade central foi baseada no impulso de deixá-los conectarem-se com suas palavras, criando uma história que transcende os limites da verdade, possibilitando a fluidez da criatividade e o uso das palavras para criação de um texto autoral. Após isso, foi demonstrada a importância da reescrita, processo fundamental para a lapidação do texto dos alunos, o que a longo prazo os acompanhará na vida acadêmica como passo fundamental da escrita.

Essa experiência possibilitou observar como uma atividade mais lúdica pode aproximar alunos dentro da escola com a escrita, utilizando suas experiências e interesses como base e ensinando a importância da releitura e reescrita do próprio trabalho, objetivando observar como o texto se comporta ao ser escrito e como lapidá-lo para obter um resultado final satisfatório.

A atividade a partir de trechos musicais também foi fundamental, pois, além de ser uma atividade com leitura, foi essencial para mostrar aos estudantes que a Oficina é um ambiente acolhedor às suas vivências, a fim de motivá-los a falar sobre suas experiências e sentimentos e se desprender do receio de liberar suas palavras e deixá-las serem ouvidas e discutidas.





É importante ressaltar, também, como os Diários de Bordo construídos pelos alunos trouxeram resultados positivos relativos à construção de uma proximidade com a escrita, pois lhes dava a possibilidade de escrever sobre o que eles quisessem, sem restrições.

Acreditamos que esse seja um projeto fundamental para a aquisição da escrita em idade escolar, visto que é possível observar como a atividade trouxe resultados produtivos e reescritas satisfatórias. É importante destacar a aplicação da Oficina como construção da ponte entre a escrita e escola como uma alternativa nas aulas de Língua Portuguesa, pois as diferentes atividades aplicadas em diferentes contextos pode trazer diversos resultados positivos, uma vez que o diálogo mais aproximado com as vivências e opiniões dos alunos pode transformar a aversão tão já observada em relação à escrita numa experiência na qual vale a pena se aprofundar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

CALIL, Eduardo. O discursivo e o sócio-histórico na noção de letramento. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 89-96, ago. 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 set. 2025.

CHAGAS, Maria Rita Mendes Ribeiro. *A escrita criativa como ferramenta para a emancipação do aluno no ensino básico*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/270372>. Acesso em: 15 jul. 2025.





DIAS, Juliana de Freitas. *Leitura e produção de textos: pilares e gestos da autoria criativa*. Brasília: Editora UnB, 2023.

FLEITH, D. de S. Criatividade: novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. Revista Educação Especial, [S. l.], p. 55–61, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5229>. Acesso em: 30 set. 2025.

MENOGOLO, Elizabeth Dias da Costa Wallace; MENOGOLO, Leandro Wallace. O significado da reescrita de textos na escola: a (re)construção do sujeito-autor. Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 6, p. 185-194, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212005000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 13 ago. 2025.

MOURA, Natália Cristina Kawano; OLIVEIRA, Ana Helena. A escrita criativa como prática de produção textual no ambiente escolar. Revista ENSIN@ UFMS, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 49-72, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/anacptl/article/view/19314>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA, Fátima Aparecida Mantovani da. *A leitura e escrita criativa nos anos finais do ensino fundamental*. 2016. 203 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2016. Disponível em: <https://profletras.ufrn.br/wp-content/uploads/2025/04/FATIMA-APARECIDA-MANTOVANI-DA-SILVA.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

VIEIRA, Renata Cristina. Leitura e escrita como práticas de resistência: alguns apontamentos sobre a atuação docente na escola. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 114-126, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/23358>. Acesso em: 13 ago. 2025.



